

Entre ficção e vida: apresentando Carmen Dolores

Lais Oliveira Silva Chagas¹³⁵

Resumo: Dado o esquecimento e apagamento da romancista, contista e jornalista Carmen Dolores (1852 – 1910) do cânone literário brasileiro, organizamos uma antologia de contos a partir do seu livro *Um drama na roça* (1907), com o intento de torná-los novamente disponíveis ao público leitor. Realizamos o trabalho de seleção e preparo textual, além da elaboração de um prefácio que apresenta a vida e obra de Dolores a novos leitores e que contém, ainda, um breve estudo sobre seus contos. Para a seleção, demos preferência a contos que têm mulheres como protagonistas – traço importante da autora – e que são de temática e composição diversas, a fim de oferecer ao leitor um amplo panorama do estilo de Dolores; a partir desses critérios, selecionamos aqueles que consideramos os mais bem realizados, parte mais subjetiva do trabalho. No preparo textual, nos pautamos em obras publicadas nas duas últimas décadas de autores que atuaram na mesma época de Carmen Dolores – a Belle Époque tropical – e consultamos obras de referência no campo da crítica textual. Para a escrita do prefácio, realizamos o levantamento da fortuna crítica da autora que, apesar de não ser vasta, apontou para novos caminhos de busca, como as participações de Dolores em periódicos que podem ser encontrados digitalizados. Por fim, para a análise dos contos, foi importante buscar compreender o momento histórico em que a escritora viveu e publicou – o turbulento início do século XX – assim como as características dos textos literários veiculados naquele período e, ainda, como a posteridade – notadamente, os modernistas – o enxergaram como infrutífero ao labor literário, o que, junto de outros fatores, como os estigmas e preconceitos enfrentados por mulheres na literatura, contribuíram para o esquecimento de uma das maiores cronistas do período, Carmen Dolores.

Palavras-chave: contos; Belle Époque; Carmen Dolores.

¹³⁵ Graduanda em Letras Português-Francês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo e bolsista de Iniciação Científica pela mesma no ano de 2019-2020 com o projeto de título “Antologia e breve estudo de *Um drama na roça* de Carmen Dolores (1907)”, sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Souza de Carvalho. E-mail: laisoliveirachagas@usp.br.

Carmen Dolores foi o nome sob o qual Emília Moncorvo Bandeira de Melo (1852 - 1910), senhora da sociedade de ascendência aristocrática¹³⁶, assinou a maior parte de sua produção escrita. Prestigiada cronista no início do século XX, contribuiu com diversas publicações, ocupando lugar de destaque n’*O país*, o periódico de maior tiragem e circulação na América do Sul à época. A principal fonte para conhecermos a escritora são seus próprios textos.

Tendo começado a publicar ainda no final do século XIX, sua produção se intensificou na primeira década do século seguinte. O principal motivo atribuído à profissionalização do seu interesse literário é a necessidade financeira. Viúva aos 34 anos, Melo foi possivelmente afetada pelas turbulências financeiras que se seguiram ao estabelecimento do regime republicano, de acordo com uma crônica. Mais tarde, em sua coluna n’*O país* e assinando como Dolores, a autora escreve sobre a “realidade atroz” que teve de enfrentar quando, já viúva, perdeu seu filho, o provedor da casa:

Escuso insistir nas etapas dolorosas da minha via-sacra... Mas há muito que a minha coragem venceu e tenho hoje o orgulho, permitam a confissão, de sustentar honestamente, dignamente, eu só, o meu lar, toda a minha família, com o exclusivo esforço da minha pena de mulher. (DOLORES, 1907a, p.01)

Além das instabilidades de transição, o novo regime trouxe consigo uma nova ordem social, menos afeita à austeridade da corte e com uma nova medida de prestígio: o capital. O Rio de Janeiro se empenhava em reformas que visavam a “regeneração perante o estrangeiro”, com o pensamento de que “a verdade era e ainda é que o Brasil é o Rio de Janeiro e o Rio de Janeiro é a febre amarela”¹³⁷. Melo, ainda que apoiadora de algumas das reformas na estrutura da cidade, criticava a mudança de hábitos que se instaurava:

Que se modernizasse a cidade, rasgando ruas, avenidas, embelezando parques, erigindo estátuas, multiplicando os focos de iluminação – muito bem! Mas o que agora acompanha *pari passu* esse progresso, eis o mal terrível: é o espírito da frivolidade, crescendo como onda indomável e tudo afogando sob uma espumarada ridícula, que enjoa. (DOLORES, 1908, p. 01)

¹³⁶ A possibilidade de sua ascendência aristocrática é levantada em HELLMANN, Risoiete Maria. *Carmen Dolores, escritora e cronista: Uma intelectual feminista da Belle Époque*. 2015. 851f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

¹³⁷ CRÔNICA DO MALHO. In: *O malho*. ed. 78. Rio de Janeiro, 12 de março de 1904. p. 4.

Se, por um lado, se mostrou afeita ao passado, por outro, a escritora vocalizou demandas do seu presente, em especial naquilo que toca o direito das mulheres. Foi ardente defensora do divórcio e do trabalho feminino, reivindicando a equidade salarial, ainda que com algumas limitações.

Carmen Dolores, para além de *nom de plume*, tornou-se o nome público de Emília de Melo. Era a Carmen Dolores que os periódicos se referiam quando aparecia nas colunas sociais dos periódicos ou quando queriam desejar-lhe feliz aniversário, por exemplo. O cronista Jie, falando sobre a autora, o considera verdadeiro e apropriado “nome de guerra”¹³⁸. A correspondência, ou fusão, de seu eu literário e eu civil é, ao mesmo tempo, ajuda e obstáculo: se, por um lado, nos permite inferir das crônicas de Carmen Dolores algumas informações sobre a vida de Emília de Melo, como o temos feito neste texto, por outro, nos obriga a desconfiar de nossas descobertas. A isso, soma-se a quase inexistência de trabalhos publicados sobre a escritora nas décadas seguintes à sua morte.

No decorrer do século passado, Dolores foi citada, esparsamente, em alguns verbetes, mas ficou de fora das obras que se tornaram referenciais para os estudiosos da literatura brasileira, até que caiu, por fim, em esquecimento. Se tomarmos como medida de difusão o público geral, constataremos que é completa desconhecida.

Seu esquecimento, além de consequência direta do estigma que continuou a envolver a produção escrita feminina por décadas depois da morte de Emília de Melo — basta lembrar que a primeira mulher aceita na Academia Brasileira de Letras foi Rachel de Queiroz, em 1977 — também é fruto do período em que atuou. A época é pouco lembrada no ensino de literatura, tanto acadêmico quanto escolar. Francisco de Assis Barbosa chega a escrever que o período foi “malsinado pela geração modernista, que subestimou ao ponto de desprezá-lo, como infecundo e desestimulador da atividade literária, quer na prosa, quer na poesia”¹³⁹. Especialmente a partir dos anos 80, a crítica feminista procurou reintroduzir nos estudos literários diversas escritoras que foram deixadas de lado na composição do cânone nacional. Devemos destacar, nesse sentido, o trabalho de Zahidé Muzart, que listou Carmen Dolores em sua *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia (1999), e a já citada Risolette Maria Hellmann.

¹³⁸ JIE. “Carmen Dolores”. In: *Correio da manhã*. ed. 2378. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1908. p. 1.

¹³⁹ BARBOSA, Francisco. “Prefácio”. In: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 13.

Entre ficção e vida

Em seus textos ficcionais, Carmen Dolores transita entre diferentes realizações. Se, em alguns, encontramos uma estrutura mais convencional, com um conflito central delineado, em torno do qual as personagens se movem e que usualmente possui no enfrentamento o seu desfecho, em outros, há espaço para abordagens menos centradas na ação, sendo mais voltados para a movimentação dos pensamentos e sentimentos de uma personagem.

A partir dos contos reunidos em *Um drama na roça* (1907), observamos que a escritora se mostra especialmente sensível às dificuldades e dramas femininos. Sem se restringir a uma classe social específica, no mosaico humano que ela compõe encontramos uma cantora em declínio, amantes entristecidas, esposas entediadas, mães desamparadas: mulheres, enfim, vivenciando, cada qual, um tipo de situação. Procurando abranger grande espectro de experiências, a autora discute os sentimentos de suas protagonistas e, nas entrelinhas destes, suas situações sociais.

De acordo com Ricardo Piglia, “todas as histórias do mundo são tecidas com a trama de nossa própria vida. Remotas, obscuras, são mundos paralelos, vidas possíveis, laboratórios onde se experimenta com as paixões pessoais”¹⁴⁰. No caso de Dolores, isso parece provar-se verdadeiro.

Em “Sua majestade o dinheiro”, o sétimo conto do volume, encontramos uma viúva, desesperada, que busca uma solução para suas agruras financeiras. O conto se inicia quando a baronesa de Rialvo, apeando-se de um bonde, se dirige a um sobradinho, onde procura por um tal Sr. Mendes, que resiste em atendê-la à noite, pois “isto não é mais hora de um cristão fazer negócios”. Ela consegue o encontro, no qual suplica o adiantamento de certa quantia, pois tinha um familiar doente e o aluguel atrasado. O homem, com escárnio, impõe juros altos com os quais a baronesa não pode arcar, forçando-a a deixar o local, desvairada.

A caminhar assim, como em delírio, achou-se de repente numa zona toda iluminada, detida por um ajuntamento de povo em frente a um grande jardim cintilante de lanternas chinesas, que pontuavam de luzes multicores os tabuleiros de grama e as espessuras do arvoredo. Carros chegavam e partiam com estalos de portinholas, despejando gente no limiar do alto portão de ferro, e ao fundo aparecia, como em

¹⁴⁰ PIGLIA, Ricardo. “Novas teses sobre o conto”. In: *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 104.

deslumbrante apoteose, um palacete todo aberto para a noite, jorrando luz e sons festivos de orquestra por suas janelas e portas. (...) E a baronesa conseguiu enfim vencer o círculo apertado, distanciou-se do movimento, das luzes, da música, foi entrando pouco a pouco num trecho de rua sombria e silenciosa, onde só o coaxar das rãs no capim úmido das chácaras se misturava aos últimos sons abafados que ainda vinham da festa: e subitamente parou, agarrando-se ao gradil de ferro de um jardim adormecido e solitário. Tremia toda. (DOLORES, 1907b, p. 57)

A baronesa encontra-se isolada aonde quer que vá: na casa do agiota, em meio à multidão que admira o espetáculo dos privilegiados, na rua e, também, em casa, da qual é a única provedora. Vive tudo isso como em sonho, e, curvada pelo cansaço, vê surgir dentre as sombras do quarto uma figura monstruosa “de mãos dominadoras, espalmadas sobre o mundo, cujo riso sarcástico descobria moedas de ouro em lugar de dentes. (...) Era Sua Majestade o dinheiro, senhor do mundo!”¹⁴¹

A situação é bem representativa do movimento de transição e instabilidade que ocorreu no período, já discutido aqui, e também do partido que Emília de Melo, enquanto Carmen Dolores, toma: a aristocracia e seus valores não encontram mais espaço na nova constituição social, as diversas instabilidades políticas resultam também em turbulência financeira, enquanto a ordem capitalista promovida pelo regime republicano se estabelece e, com ela, o capital torna-se a medida das relações sociais.

Voz desencantada num período de otimismo irrefletido, Carmen Dolores mostrou-se atenta às dificuldades enfrentadas pelas mulheres e às diferentes realidades sociais dentro de uma mesma cidade, e, a partir de suas experiências, compunha contos que, pela forma, preservam ainda seu frescor original.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Francisco. “Prefácio”. In: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 13.

CRÔNICA DO MALHO. In: *O malho*. ed. 78. Rio de Janeiro, 12 de março de 1904. p. 04

¹⁴¹ DOLORES, Carmen. *Um drama na roça*. Rio de Janeiro/São Paulo: Laemmert & C, 1907, p. 60.

DOLORES, Carmen. “A semana”. In: *O paiz*. ed. 8305. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1907a. p. 01

DOLORES, Carmen. “Conversando...”. In: *Correio da manhã*. ed. 2384. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1908. p.01

DOLORES, Carmen. *Um drama na roça*. Rio de Janeiro/São Paulo: Laemmert & C, 1907b. p. 60

JIE. “Carmen Dolores”. In: *Correio da manhã*. ed. 2378. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1908. p.01

HELLMANN, Risolete Maria. *Carmen Dolores, escritora e cronista: Uma intelectual feminista da Belle Époque*. 2015. 851f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PIGLIA, Ricardo. “Novas teses sobre o conto”. In: *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 104.